



## CAATINGA: UM OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE O BIOMA

**SCHLABITZ, Douglas<sup>1</sup> Barbosa; ROSA, Robson <sup>2</sup> Braga da; BRENTANO; Glauber <sup>3</sup> SPIRONELLO, Rosangela<sup>4</sup> Lurdes.**

<sup>1</sup>*Douglas Barbosa SchlabitZ: acadêmico do Curso de Licenciatura em Geografia/UFPel*  
[dougpotiguar\\_geo@hotmail.com](mailto:dougpotiguar_geo@hotmail.com)

<sup>2</sup>*Robson Braga da Rosa: acadêmico do Curso de Licenciatura em Geografia/UFPel*  
[robson\\_lp@msn.com](mailto:robson_lp@msn.com)

<sup>3</sup>*Glauber Brentano: acadêmico do Curso de Licenciatura em Geografia/UFPel*  
[glauberbrentano@hotmail.com](mailto:glauberbrentano@hotmail.com)

<sup>4</sup>*Professora orientadora- DEGEO/ICH/UFPel*  
[spironello@gmail.com](mailto:spironello@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A palavra Caatinga tem origem na língua Tupi, e significa “mata branca”, devido à aparência seca e esbranquiçada da vegetação. É predominante nos sertões semi-áridos do Nordeste, abrangendo em quase toda a sua totalidade os estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, leste do Piauí e ainda o extremo Norte de Minas Gerais.

Este bioma caracteriza-se pela sua peculiaridade, pois, apesar de as matas terem um aspecto seco, são muito ricas em espécies. A vegetação da Caatinga é denominada xerófila, que se caracteriza pela presença de espinhos, ausência de folhas ou quando ocorrer, ela se apresenta de forma pequena, além de raízes profundas, típica de regiões áridas ou semi-áridas.

O clima também chama a atenção por apresentar uma baixa pluviosidade média anual, com chuvas distribuídas de forma irregular.

Apesar da presença de massas de ar carregadas de umidade vindas do Oceano Atlântico, elas ao chegarem à região, perdem força devido à presença de barreiras naturais como o Planalto da Borborema, por exemplo, que impede que as chuvas atinjam as áreas que atravessam esse relevo, provocando um período ainda maior de escassez de chuvas nessa área.

O seu solo é pedregoso e arenoso, com certa fertilidade, porém, a baixa presença de matéria orgânica e a irregularidade no regime de chuva, dificultam a prática da agricultura e agrava ainda mais o problema da desertificação no território (CONTI e FURLAN, 2001). É um bioma que vem sendo ameaçado principalmente pelo homem, através da intensificação das atividades econômicas.

Nesse contexto, objetiva-se com este trabalho trazer uma contribuição a partir de uma abordagem teórica em relação aos aspectos físicos ambientais, sobre o bioma Caatinga, realizado na disciplina de Biogeografia, no Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pelotas.

## **2. MATERIAL E MÉTODO**

O presente artigo é reflexo de uma pesquisa desenvolvida na disciplina de Biogeografia, do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pelotas. A pesquisa baseou-se num estudo a partir de levantamento teórico de autores como: Prado Jr. (1969); Ross (1995); Ab'Saber (2003, 2007), os quais possibilitaram um maior aprofundamento e reflexão sobre a importância deste bioma para a manutenção dos ecossistemas e dos problemas ambientais causados principalmente pela ação do homem.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A ocupação do sertão nordestino, em especial da Caatinga, foi feita no período denominado ciclo do gado, assim chamado por ter na pecuária sua principal atividade econômica, uma atividade complementar a grande riqueza da época – a cana-de-açúcar – e que se desenvolveu ao longo do rio São Francisco (“Rio dos Currais”) durante os séculos XVI, XVII e XVIII, conforme destaca Prado Jr. (1969). O nome de alguns municípios do semi-árido faz referência a esta atividade econômica, como Currais Novos no Rio Grande do Norte.

A forma extensiva com que foi realizada, sem maiores cuidados com os solos utilizados, tornou a pecuária não só a responsável pelo povoamento do Sertão, mas também uma das principais causas pela destruição da vegetação da Caatinga.

A maior parte da Caatinga já desapareceu diante das profundas alterações causadas pelo homem. Do que restou, uma ínfima porção recebe algum tipo de proteção ambiental por parte de alguns órgãos ambientais, como por exemplo: a CI (Conservação Internacional), a CEPAN (Centro de Pesquisas Ambientais do Nordeste), a Associação Caatinga e o IBAMA.

Os grandes latifundiários do Nordeste são os maiores responsáveis por essa degradação, pois, além de desmatar a vegetação original, monopolizam o uso dos açudes, provocando o seu assoreamento. As águas do São Francisco, principal e único rio perene da região, são usadas para a irrigação, causando a salinização do solo devido à intensa evaporação e infiltração ocorrida nas áreas abrangidas pelo bioma.

Nesse contexto, aos pequenos proprietários, resta viver em extrema miséria ou migrar para a Zona da Mata nordestina, em busca de trabalho e melhores condições de vida, ou em outros casos, migrarem até mesmo para outras regiões do país. Dessa forma, o êxodo rural torna-se uma consequência de cunho social com relação aos impactos ambientais provocados no bioma da Caatinga. Porém, o que se tem percebido como reflexo, são algumas iniciativas e tentativas propostas pelas ONG,s e pelo Governo Federal, no intuito de reverter tal situação com relação ao êxodo rural em especial (sem quereremos entrar no mérito político da questão).

Diante dessa realidade e das peculiaridades que o espaço do semi-árido apresenta, torna-se relevante a necessidade da preservação e conservação do ecossistema para as gerações futuras, uma vez que, tal bioma interage com os demais biomas (Floresta Amazônica, Cerrado, Mata Atlântica, Araucária e Pampa) existentes no território brasileiro (AB’SABER, 2003).

Outra questão a destacar diz respeito a preservação do meio natural a qual é fundamental para que o homem possa se fixar neste meio e estabelecer uma

relação de harmonia, promovendo o seu bem estar e o desenvolvimento por meio das potencialidades locais existentes.

#### **4. CONCLUSÃO**

A partir do estudo realizado, pode-se conhecer melhor as potencialidades e as limitações do bioma Caatinga e compreender a importância que o mesmo adquire no contexto local e global.

O clima representa, portanto, um fator determinante em qualquer bioma, e na Caatinga não é diferente. Ele acaba definindo a paisagem e os hábitos dos moradores que vivem nele. As temperaturas normalmente são elevadas, o solo pedregoso e a ação antrópica contribuem com o processo de desertificação na área. Outros problemas ambientais surgem em consequência da ação do homem, como os desmatamentos e as queimadas. Estas são práticas comuns no preparo da terra para a agropecuária que, além de destruir a cobertura vegetal, a qualidade da água, e o equilíbrio do clima e do solo acarreta, um dos maiores problemas ambientais já citados anteriormente: a desertificação.

É importante ainda destacar que, o bioma da Caatinga sofreu profundas transformações durante a sua ocupação ao longo dos anos, sendo considerado por muitos ambientalistas, como o ecossistema (flora, solo e seus recursos hídricos) mais ameaçado do território brasileiro.

Por isso, torna-se relevante a tomada de consciência sobre a importância deste bioma para a manutenção do ecossistema, promovendo ações de planejamento sustentável de forma ecológica e econômica, através da preservação e da conservação dos recursos naturais existentes.

Isso só se tornará possível se a comunidade inserida na área de abrangência do bioma se envolver de forma ativa, juntamente com os órgãos ambientais competentes, pensando e pondo em prática projetos a partir da base, considerando as potencialidades e limitações deste espaço geográfico tão importante para o planeta.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- AB'SABER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas**. 4ª ed, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CONTI, J. B. & FURLAN, S. A. Geoecologia: o clima, os solos e a biota. In: ROSS, J. L. S. **Geografia do Brasil**. 4ª ed, São Paulo: EDUSP, 2001.
- NIMER, E. **Climatologia do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1989.
- PRADO JR., C. **História Econômica do Brasil**. 9ª ed, São Paulo: Editora Brasiliense, 1969.